

Elogio do Homenageado

Maria de Fátima Marinho
Universidade do Porto
21 de Maio de 2004

Exmo Senhor Vice-Reitor da Universidade do Porto
Exmo Senhor Presidente da Assembleia de Representantes
Exmos Senhores Presidentes dos Conselhos Directivo e Pedagógico
Exmos Senhores Presidentes dos Departamentos
Caros Colegas, Funcionários e Alunos
Minhas Senhoras e meus Senhores

A LÍNGUA PORTUGUESA

Esta língua que eu amo
Com seu bárbaro lanho
Seu mel
Seu helénico sal
E azeitona
Esta limpidez
Que se nimba
De surda
Quanta vez
Esta maravilha
Assassinadíssima
Por quase todos os que a falam
Este requebro
Esta ânfora
Cantante
Esta máscula espada
Graciosíssima
Capaz de brandir os caminhos todos
De todos os ares
De todas as danças
Esta voz

MARIA DE FÁTIMA MARINHO

Esta língua
Soberba
Capaz de todas as cores
Todos os riscos
De expressão
(E ganha sempre a partida)
Esta língua portuguesa
Capaz de tudo
Como uma mulher realmente
Apaixonada
Esta língua
É minha Índia constante
Minha núpcia ininterrupta
Meu amor para sempre
Minha libertinagem
Minha eterna
Virgindade.¹

Assim se expressa Alberto de Lacerda e assim se poderia expressar o Prof. Mário Vilela que dedicou toda a vida à difusão da língua portuguesa e ao seu prestígio internacional.

Jovem estudante, acabada de sair do ensino secundário, fui sua aluna, no ano lectivo de 1971/72, de Introdução aos Estudos Linguísticos, como seria depois de Linguística Portuguesa I e II. Mais voltada para a Literatura do que para a Linguística, não posso deixar de reconhecer que foi o Prof. Mário Vilela que me abriu os horizontes de uma ciência que eu desconhecia totalmente. Há trinta e três anos, ele não diferia muito de que é actualmente, até o seu aspecto não se modificou demasiado nem a sua maneira de ser, descontraída e afectuosa. Não posso deixar de recordar o dia em que nasceu a sua filha, hoje médica. A preocupação e o carinho que então demonstrou e que, nós, jovens alunos do 1º ano, pudemos testemunhar, manteve-se ao longo da vida, sempre que a ela se referia.

De ar bem disposto, o Prof. Vilela soube sempre aliar uma bonomia que dispunha bem os estudantes com a seriedade própria de um investigador. Conta com graça que, estando em Copenhague, para trabalhar com afásicos, o seu nome (Mário Augusto) foi confundido com o correspondente feminino, Maria Augusta, pelo que estive na emi-nência de ter de partilhar o quarto com uma senhora surda-muda.

Fazendo agora uma pequena resenha biográfica, lembremos que nasceu no dia 2 de Janeiro de 1934, em Vilarinho da Samardã (Vila Real). Fez os estudos liceais no Seminário Diocesano de Vila Real e no Liceu Nacional de Évora. Em 1963, ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licencia, em 1969, em Filologia Românica com uma tese intitulada «Clérigo e Leigo: estudo semasiológico e onomasiológico». Em 1970, ingressa como Assistente da Faculdade de Letras do Porto,

¹ Alberto de Lacerda, «A Língua Portuguesa», in *Exílio, in Oferenda I*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Biblioteca de Autores Portugueses, 1984, pp.316-317.

para leccionar Introdução aos Estudos Linguísticos, Linguística Portuguesa e Linguística Românica. De 1975 a 1978, gozando de uma equiparação a bolseiro para preparar o Doutorado, permanece na Alemanha, na Universität Tübingen, onde se doutora com uma tese subordinada ao tema: «Lexikalische Semantik – Wortfeltheorie. Theorie und Anwendung auf dem Portugiesischen», estudando prioritariamente o léxico da simpatia. No ano seguinte (1979) é-lhe reconhecida a equivalência ao Doutorado português. Em 1981, presta provas de Agregação, tendo proferido a seguinte lição de síntese: «Solidariedades Lexicais». No mesmo ano, é nomeado Professor Catedrático e passa a leccionar a disciplina de Linguística Portuguesa II e de Análise Contrastiva, quando o ramo de Tradução passou a funcionar em algumas variantes de LLM. A partir de 1987, coordenou o Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, leccionando um seminário intitulado «Estruturas Frásicas do Português». Enquanto a então Secção de Línguas e Literaturas Modernas carecia de professores doutorados, foi ainda responsável pelas áreas do Francês e do Alemão. Foi Presidente do Conselho Pedagógico (VER ANOS), tendo impulsionado a redacção dos primeiros estatutos do referido conselho e respectivas normas de avaliação. Foi Coordenador da Secção de Línguas e Literaturas Modernas. Dirigiu alguns anos o Curso de Verão para estrangeiros, a funcionar na FLUP.

Foi Membro da «Comissão Nacional de Língua Portuguesa», enquanto esta existiu; Comissário Nacional e depois Conselheiro Científico da «União Latina»; director do Centro de Linguística da Universidade do Porto; coordenador de uma unidade de investigação do CLUP; delegado nacional e/ou da Universidade do Porto em Bruxelas e no Luxemburgo, em questões relacionadas com a língua portuguesa; membro do Painel de Avaliação do Programa «Lusitânia».

Dirige variadas teses de Mestrado e de Doutorado, em Universidades portuguesas e estrangeiras, nomeadamente do Brasil, Moçambique e Macau. Nos dois últimos lugares, teve experiências completamente diferentes: enquanto em Maputo, teve o prazer de testemunhar a política em defesa da língua portuguesa (ao contrário do que inicialmente supunha), em Macau, sofreu a desilusão de verificar a quase inexistência de falantes do português, que se limitam aos nacionais que lá vivem. Estas constatações levaram-no a tentar prosseguir na defesa e implementação da língua a cujo estudo se dedicou (dedica) toda a vida. Daí que as suas áreas de investigação sejam, de há muitos anos, a Lexicologia e a Lexicografia do Português, a Gramática da Língua Portuguesa e a Análise Contrastiva entre o português e outras línguas..

Durante o seu percurso académico e científico foi bolseiro de várias instituições de renome: Fundação Calouste Gulbenkian (1963-69), Instituto de Alta Cultura, (1970-1978), Humboldt Gesellschaft (1978-1982), DAAD (1985), NATO (um mês em 1988, para trabalhar com alunos afásicos, em Copenhague), Governo Francês.

Em 1982, foi-lhe atribuído o prémio «Ciência» pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Foi Professor Visitante na Alemanha, (Freie Universität Berlin e Colónia); no Brasil, (Universidades Federais da Paraíba, do Rio de Janeiro e do Ceará e Universidade Regional de URCA, no Ceará); em Espanha (Vigo, Corunha e Santiago); e na Finlândia (Helsinki). No Brasil, passou por uma estranha experiência, ao verificar que a mesma língua podia não ser entendida por todos os seus falantes: em João Pessoa (Paraíba), pediram-lhe para falar em Francês; no Ceará, perguntaram se era italiano.

Faz parte da Société de Linguistique de Philologie Romane, da Associação Portuguesa de Linguística, dos Lusitanistas Alemães, dos Lusitanistas Norte-Americanos, da Associação Portuguesa de Tradutores, da Euralex, do Centre Interdisciplinaire de Recherche en Linguistique et en Psychologie, da Associação Portuguesa de Linguística (de que foi Presidente do Conselho Fiscal durante quatro anos) e do Centro de Linguística da Universidade do Porto, de que foi membro fundador. É Conselheiro científico das seguintes revistas: *Verba* (Santiago de Compostela), *Revista de Filologia* (Corunha), *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, *Humanidades* (Universidade Católica, Braga) e *Letras Humanas* (UTAD, Vila Real).

Participou em inúmeros Congressos, um pouco por todo o mundo, nas áreas da Linguística Românica, da Linguística Portuguesa, da Lexicologia e Lexicografia, das Terminologias, da Linguística Geral e da Linguística Cognitiva. De todos eles, gosta de salientar dois que, para ele foram especiais: o primeiro, em 1997, na Universidade de Toronto, na comemoração do cinquentenário do ensino do Português organizado pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, intitulado «Portuguese in the Four Corners of the World», onde, a par da grande comunidade portuguesa residente no Canadá, teve o grato prazer de encontrar a comunidade cabo-verdiana que percebeu estar perfeitamente integrada na portuguesa; e um Congresso de Linguística Geral, em Berlim, realizado antes da queda do muro, onde uma judia brasileira desmaiou no momento de o atravessar.

Colabora em inúmeras revistas, das quais se salientam, além das citadas anteriormente, a *Biblos*, a *Diacrítica*, o *Bulletin de la Société de Philologie Romane* de Estrasburgo, o *Bulletin de l'Union Latine* de Paris, a *Lusorama* de Frankfurt, os *Cadernos de Estudos Linguísticos* de Campinas (Brasil) e os *Arquivos do Centro Cultural Português* de Paris.

Além de dezenas de artigos, há ainda a salientar os seguintes livros:

- *Clérigo e Leigo: Estudo Semasiológico e Onomasiológico* (1977);
- Alma Nacional: Revista Republicana, *Linguagem e Ideologia* (1977);
- *Léxico da Simpatia* (1978);
- *Estruturas Lexicais do Português* (1979);
- *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação ao Português* (1980);
- *Dicionário Básico do Português* (1983);
- *Estudos de Lexicologia* (1989);
- *Estudos de Lexicologia do Português* (1990);
- *Gramática de Valências: 7 Estudos de Sintaxe do Português* (1992);
- *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação* (1994);
- *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da Palavra, gramática da frase e gramática do texto/diálogo* (1995);
- *Léxico e Gramática* (1996);
- *Metáforas do Nosso Tempo* (2002).

O *Curriculum* que acabei de enunciar fala por si. É toda uma carreira dedicada ao ensino do português e à sua expansão além fronteiras, com uma preocupação especial na preservação da língua nos jovens países africanos e no território de Macau. E a prova que a sua actividade continua e continuará, apesar de se ter recentemente jubi-

ÉLOGIO DO HOMENAGEADO

lado, é que já se comprometeu a ir passar dois meses a Sidney (Austrália), à Universidade de Macquire, para aí implementar o português e ajudar esta Universidade a estabelecer relações com Timor.

Consciente de que uma das principais apostas da Faculdade de Letras está hoje no ensino do português como língua estrangeira, o trabalho do Prof. Vilela é a todos os títulos meritório e cheio de actualidade. O seu exemplo na defesa da língua e da cultura portuguesas deve ser continuado e, por essa razão, peço à Exma Presidente do Conselho Directivo, Prof. Doutora Ana Monteiro, que lhe entregue a medalha de ouro da Faculdade. Ao concluir, só posso citar António Ferreira, na Carta a Pero Andrade de Caminha, quando aquele o exorta a escrever só em português. A defesa que faz da língua poderá assemelhar-se à do Prof. Vilela durante mais de trinta anos de carreira:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já, onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva.

Se tèqui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso e desamor.

Mas tu farás que os que a mal julgaram
E inda as estranhas línguas mais desejam
Confessem cedo, ant'ela, quanto erraram.

E os que depois de nós vierem vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque eles pera os outros assi sejam.²

² António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, notícia histórica e literária, selecção e anotações de F. Costa Marques, Coimbra, Atlântida, 1961, pp.97-98.

